

# Objetos sumptuários em Portugal. Materiais, formas, imagens e funções no contexto da Europa do século XVI

Cláudia Costa Pires

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

*Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM)*

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-90-1/inca8>

## *Resumo*

Este projeto pretende estudar os objetos sumptuários de materiais preciosos e exóticos, em Portugal, no século XVI, através da interpretação de inventários, visitas e testamentos, bem como do estudo de peças musealizadas e *in loco*. Os objetos de mesa/aparador, alfaias litúrgicas, joias e objetos exóticos em Portugal, serão contextualizados na realidade europeia através da análise comparativa de inventários, iconografia e peças forâneas. No século XVI, as artes sumptuárias eram das mais prestigiadas e procuradas pelas elites. Este século foi um período de intercâmbios e confrontos de culturas e linguagens artísticas, resultante da circulação de obras, gravuras e materiais. As Artes Decorativas usufruíam dessa mobilidade, refletida na disseminação de gostos nas suas formas, imagens, materiais e técnicas. Considerando os intercâmbios culturais na Época Moderna, pretendemos explorar a confluência de gostos nas formas e iconografia dos objetos. Para a compreensão holística das obras nos seus contextos, iremos aprofundar as suas funções, formas, técnicas e materiais, pois todos contribuem para as suas aceções simbólicas e de fruição. A compreensão da imagem abrange a análise dos motivos animais, vegetais, arquitetónicos e figurativos, em contexto individual ou narrativo, a pesquisa de modelos iconográficos e as relações de proximidade de obras de diferentes técnicas e materiais, como cerâmica, têxteis e madeiras. A análise holística dos objetos sumptuários integrados nas várias artes, sem os secionar em categorias como tipos ou materiais, constitui uma nova abordagem de análise comparativa com outras artes do período, que permite colmatar o conhecimento dessas obras de importância significativa. O nosso estudo compreende uma perspetiva inovadora que sintetiza a análise da imagem, materialidade e funções das peças nos seus contextos, constituindo uma

abordagem holística, que irá contribuir para a compreensão de como os que viveram no século XVI encaravam os objetos sumptuários, nos seus contextos de utilização, em espaços palacianos ou litúrgicos.

*Palavras-chave:* Objetos sumptuários; Ourivesaria; Século XVI; Portugal.

#### *Abstract*

This project aims to study sumptuary objects of precious and exotic materials in 16<sup>th</sup> century Portugal through the interpretation of inventories, visitations, and testaments, as well as the study of pieces in museums and in loco. Silver for display, sacred silver, jewelry, and exotic objects in Portugal will be contextualized within the European context through a comparative analysis of inventories, iconography, and foreign pieces. In the 16<sup>th</sup> century, sumptuary arts were among the most prestigious and desired by the elite. This century was a period of exchanges and clashes of cultures and artistic languages, resulting from the circulation of works, prints, and materials. The Decorative Arts benefited from this mobility, reflected in the dissemination of tastes in their forms, images, materials, and techniques. Considering cultural exchanges in the Modern Era, we intend to explore the confluence of tastes in the forms and iconography of objects. To holistically comprehend the works within their contexts, we will research their functions, forms, techniques, and materials, as all contribute to their symbolic meanings and fruition. The understanding of images encompasses the analysis of animal, vegetal, architectural, and figurative motifs, in individual or narrative contexts, the research of iconographic models, and the proximity of works in different techniques and materials. The holistic analysis of sumptuary objects integrated in various arts, without sectioning them into categories such as typologies or materials, constitutes a new approach to comparative analysis with other arts of the period, allowing the understanding of these works of significant importance. Our study comprehends an innovative perspective that synthesizes the analysis of the image, materiality, and functions of the pieces in their contexts, constituting a holistic approach that will contribute to the understanding of how those who lived in the 16<sup>th</sup> century perceived sumptuary objects within their contexts, in palatial or liturgical spaces.

*Keywords:* Sumptuary objects; Goldsmithery; 16<sup>th</sup> century; Portugal.

## Tema e problemas

Este projeto tem como tema os objetos sumptuários em Portugal, no século XVI, e os seus materiais, formas, imagens e funções no contexto europeu. Este estudo

encontra-se a ser realizado no âmbito do Doutoramento em Estudos do Património, variante História da Arte, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É orientado pela professora Doutora Ana Cristina Sousa e financiado por uma Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia<sup>1</sup>.

Esta investigação integra-se no estudo das Artes Decorativas, que permitem a compreensão do quotidiano ao longo da história, pois esses objetos eram uma parte substancial das peças produzidas e utilizadas em diferentes contextos e épocas. A propósito das Artes Decorativas, William Morris afirmou: “O nosso tema é esse grande corpo de arte através do qual os homens procuraram, ao longo dos tempos, embelezar o seu quotidiano; um tema vasto uma grande indústria – simultaneamente uma parte substancial da história do mundo e um instrumento muito útil para o estudo dessa história”<sup>2</sup>

No contexto da reflexão colonial do século XIX, as Artes Úteis ou Artes Decorativas eram compreendidas como produto das civilizações históricas e expressão de identidades culturais, sendo apreciadas como vetores de estilo, exemplos de manufaturas e expressões de tipos destinados à investigação, ao colecionismo e às coleções museológicas<sup>3</sup>. O interesse do século XIX pelas Artes Decorativas é demonstrado pela publicação de compêndios enciclopédicos de civilizações, gramáticas e vocabulários de estilos e pela organização das grandes exposições universais, com focos na antropologia, etnologia da arte e manufatura artesanal, a partir das quais se foram formando os primeiros grandes museus europeus. Estas publicações e exposições incentivavam o bom gosto comum, bem como a implementação de produtos pré-industriais nacionais nas escolas europeias de artes e ofícios e nas escolas de artes industriais de ensino primário e secundário<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos 2023.02733.BD.

<https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>

A autora agradece à professora Doutora Ana Cristina Sousa pela sua orientação na realização desta investigação.

<sup>2</sup> William Morris, *As artes menores e outros ensaios*, trad. Isabel Donas Botto (Lisboa: Antígona, 2003), 24.

<sup>3</sup> Sabina de Cavi, *Dibujo y ornamento. Trazas y dibujos de Artes Decorativas entre Portugal, Espanã, Italia, Malta y Grecia. Estudios en honor de Fuensanta García de La Torre* (Córdoba, Roma: Diputación Provincial de Córdoba, De Luca, 2015), XXI.

<sup>4</sup> Sabina de Cavi, *Dibujo y ornamento. Trazas y dibujos de Artes Decorativas entre Portugal, Espanã, Italia, Malta y Grecia. Estudios en honor de Fuensanta García de La Torre* (Córdoba, Roma: Diputación Provincial de Córdoba, De Luca, 2015), XXI, XXII.

Em meados do século XIX, em Portugal e no Brasil, as palavras decoração, ornamentação e arte decorativa eram familiares, tornando-se notáveis no final do século<sup>5</sup>. O termo arte decorativa foi registado no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de 1881, de Caldas Aulete, no qual a arte decorativa era o mesmo que arte de adorno englobando o desenho, a pintura, as prendas, as músicas, a esgrima, sendo considerados como complemento da educação ou meios recreativos. Assim, o termo arte decorativa era mais amplo que o significado que lhe é atribuído atualmente <sup>6</sup>.

No discurso da História da Arte, as artes sumptuárias têm vindo a ter um papel secundário devido ao domínio das denominadas artes maiores. No entanto, no Renascimento, as artes sumptuárias eram das mais caras, prestigiadas e procuradas pelas elites<sup>7</sup>. Os objetos de carácter civil, litúrgico e as peças de adorno pessoal eram um signo de representação e diferenciação social, como uma obrigação imposta pelo estatuto, que tendo em conta o decoro exigia a correspondência entre o ser e o aparentar. As peças em materiais preciosos, como o ouro ou a prata, eram também um tesouro, pois, podiam ser fundidas para criar novas obras, penhoradas para saldar dívidas ou vendidas <sup>8</sup>. Para além disso, eram utilizadas como ofertas diplomáticas ou oferta de comemoração de datas ou acontecimentos como um nascimento, para celebrar e agradecer visitas de nobres e altos funcionários a uma cidade e para recompensar os servidores leais de reis e príncipes<sup>9</sup>.

As artes sumptuárias associam-se ao conceito de luxo. De acordo com Christopher Berry, o valor atribuído ao luxo é fundamental na compreensão da sociedade<sup>10</sup>. O luxo para além de ser símbolo de estatuto e autoridade, era também uma tentação e

---

<sup>5</sup> Marize Malta, "Da boca para fora: discursos sobre o decorativo no século XIX", *Revista de Artes Decorativas* 7 (2015): 158,

<https://doi.org/https://doi.org/10.34632/revistaartesdecorativas.2015.2088>

<sup>6</sup> Marize Malta, "Da boca para fora: discursos sobre o decorativo no século XIX", *Revista de Artes Decorativas* 7 (2015): 164, 165,

<https://doi.org/https://doi.org/10.34632/revistaartesdecorativas.2015.2088>

<sup>7</sup> Noelia García Pérez, "El consumo suntuario en el Renacimiento: Usos y funciones de las piezas de plata y oro", in *Estudios de platería: San Eloy 2006*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2006), 247.

<sup>8</sup> Noelia García Pérez, "El consumo suntuario en el Renacimiento: Usos y funciones de las piezas de plata y oro", in *Estudios de platería: San Eloy 2006*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2006), 249.

<sup>9</sup> Noelia García Pérez, "El consumo suntuario en el Renacimiento: Usos y funciones de las piezas de plata y oro", in *Estudios de platería: San Eloy 2006*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2006), 250, 51.

<sup>10</sup> Christopher J. Berry, *The Idea of Luxury. A Conceptual and Historical Investigation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1994), 5.

superfluidade, vista como um desperdício de recursos que deviam ser distribuídos igualmente. Nos séculos XV e XVI, várias cidades europeias passaram leis sumptuárias para limitar os gastos em luxos privados como o guarda-roupa, as joias e banquetes. No entanto, realizavam-se grandes demonstrações de riqueza publicamente pelas classes altas<sup>11</sup>.

Em termos historiográficos, foi debatido o estatuto das artes sumptuárias e a sua relação à hierarquia das artes, o que se reflete na questão da sua nomenclatura e da sua definição, nomeadamente, artes sumptuárias, artes decorativas, artes menores, artes aplicadas, artes oficinais e artes industriais<sup>12</sup>. De acordo com García García, estes termos projetam um olhar anacrónico, enviesado e incompleto de uma realidade que era bastante complexa. O autor explica que, particularmente, na Idade Média, as artes dialogavam entre si, sem segregação e primando a integração, não se aplicando categorizações às artes<sup>13</sup>. Nesse sentido, é necessário analisar holisticamente os objetos sumptuários integrados nas várias artes, de forma a não os seccionar em categorias relacionadas com tipos ou materiais, uma organização comum nos museus.

Este estudo levanta também questões de datação e de estilos, que devem ser revistos, devido ao facto de: várias obras se encontrarem erroneamente datadas; ausência de marcas na ourivesaria portuguesa dos séculos XV e XVI, o que dificulta a sua datação; objetos com elementos de épocas diferentes, que não podem ser atribuídos apenas a um estilo ou período histórico; cópias da época moderna, peças copiadas como processo de aprendizagem ou homenagem ao autor original; peças revivalistas que devem ser estudadas tendo em conta a permanência, transformação ou recuperação de formas e ornamentos; galvanotípicas, reproduções em metal realizadas no século XIX, a partir de modelos dos originais.

Para García García, a compreensão dos objetos sumptuários no conceito de cultura material permite o alargamento de perspetivas e a incidência antropológica e social, que se deve conjugar com aspetos do estudo da História da Arte como a

---

<sup>11</sup> Marina Belozerskaya, *Luxury Arts of the Renaissance* (Londres: Thames & Hudson, 2005), 1.

<sup>12</sup> Francisco de Asís García García, "Una nueva mirada al arte suntuario medieval hispánico", in *Anales de Historia del Arte. VII Jornadas Complutenses de Arte Medieval. "Splendor". Artes suntuarias en la Edad Media hispánica*, ed. Laura Rodríguez Peinado, Pilar Martínez Taboada, e Francisco de Asís García García (Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2014), 18.

<sup>13</sup> Francisco de Asís García García, "Una nueva mirada al arte suntuario medieval hispánico", in *Anales de Historia del Arte. VII Jornadas Complutenses de Arte Medieval. "Splendor". Artes suntuarias en la Edad Media hispánica*, ed. Laura Rodríguez Peinado, Pilar Martínez Taboada, e Francisco de Asís García García (Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2014), 18.

encomenda, os materiais, o significado das obras e a expressão icónica<sup>14</sup>. Portanto, é fundamental uma nova linha de investigação integral da fruição, materiais, técnicas e imagens dos objetos sumptuários no Portugal do século XVI, que contribua para a compreensão holística das artes e da sociedade que as produziu e usou.

## Cronologia e espaço

O foco deste projeto são os objetos sumptuários, nomeadamente peças produzidas em materiais nobres e por artistas muito reconhecidos à época. A proposta é estudar os objetos sumptuários em Portugal, no século XVI, um período de intercâmbios e confrontos de culturas e linguagens artísticas, resultante da circulação de obras, gravuras e materiais. Os objetos sumptuários usufruíam dessa mobilidade, refletida na disseminação de gostos nas suas formas, imagens, materiais e técnicas. O projeto incorpora ourivesaria e joalheria que serão aprofundadas tendo em conta as suas imagens, usos, funções, formas, técnicas e materiais de produção. Estas artes serão enquadradas nas produções artísticas do século XVI através de análises comparativas com peças de diferentes técnicas como a cerâmica ou a tapeçaria, de forma a realizar uma leitura holística dos objetos nos seus contextos e quotidianos. O estudo das Artes Decorativas enriquece o conhecimento da História da Arte, pois artes como a ourivesaria, têxteis e madeiras dão cor, luz e vida aos espaços e estão enredadas nas vivências sociais e culturais de uma época. Assim, a sua investigação possibilita uma compreensão global dos contextos de utilização destes objetos, em espaços palacianos ou litúrgicos e aqueles que os vivenciaram, os seus hábitos e rotinas.

## Objetivos

Objetivo geral: Estudar holisticamente os objetos sumptuários em Portugal, no século XVI, a partir da interpretação de inventários, visitas e testamentos, e do estudo de peças de origem portuguesa musealizadas e *in loco*.

*Objetivos específicos:*

- Estudar os objetos sumptuários (objetos de mesa/aparador, alfaias litúrgicas, joias, objetos exóticos) em Portugal no século XVI a partir da interpretação de inventários, visitas e testamentos.

---

<sup>14</sup> Francisco de Asís García García, "Una nueva mirada al arte suntuario medieval hispánico", in *Anales de Historia del Arte. VII Jornadas Complutenses de Arte Medieval. "Splendor". Artes suntuarias en la Edad Media hispánica*, ed. Laura Rodríguez Peinado, Pilar Martínez Taboada, e Francisco de Asís García García (Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2014), 18.

- Analisar os objetos sumptuários de origem portuguesa do século XVI nas coleções de museus portugueses e internacionais, e *in loco*.
  - Enquadrar os objetos sumptuários do século XVI em Portugal no contexto europeu através da análise de inventários forâneos.
  - Analisar comparativamente os objetos sumptuários de origem portuguesa do século XVI com peças da época.
  - Caracterizar as tipologias, formas, materiais e funções dos objetos.
  - Compreender os usos e fruição dos objetos no contexto epocal.
  - Compreender a circulação da imagem e valores culturais através da viagem de objetos, formas e materiais.
  - Analisar comparativamente os objetos sumptuários com peças de técnicas e materiais diferenciados como cerâmica, vidro, tapeçarias, têxteis e madeiras.
  - Estudar os amuletos e a valorização das propriedades protetoras e mágicas conferidas aos materiais nobres e pedras preciosas constituintes das peças.
  - Estudar a iconografia profana e a iconografia religiosa das peças de ourivesaria e joalheria.
  - Analisar os motivos arquitetónicos e as formas vegetalistas, animais e figurativas representadas nas peças.
  - Compreender as significações simbólicas dos motivos e formas representadas e a sua associação às funções e usos nos contextos dos objetos em estudo.
  - Analisar desenhos publicados em livros de gravuras e de ornamentos e a sua utilização como modelos iconográficos.
- Compreender a viagem dos objetos e a forma como eram transportados em diferentes tipos de caixas.
- Redigir um glossário de termos utilizados na documentação do século XVI.

## Enquadramento historiográfico

O estudo dos objetos sumptuários é um campo que tem vindo a ser explorado em Portugal e no estrangeiro. Vassallo e Silva estudou tipologias e formas, identificou temas representados e analisou ornamentos a partir de inventários e peças em

museus<sup>15</sup>. Ana Cristina Sousa<sup>16</sup>, Hugo Miguel Crespo<sup>17</sup>, Carla Alferes Pinto<sup>18</sup>, Maria do Carmo Andrade<sup>19</sup>, María José Redondo Cantera<sup>20</sup>, Letizia Arbeteta Mira<sup>21</sup>, Natalia Horcajo Palomero<sup>22</sup>, Noelia García Pérez<sup>23</sup>, Jordan-Gschwend e Pérez de Tudela<sup>24</sup> investigaram prataria, ourivesaria e objetos exóticos presentes em inventários das famílias reais ibéricas, da nobreza, de tesouros de igrejas e visitas paroquiais. Timothy Schroder recriou as pratas e joias de Henrique VIII, recorrendo aos inventários, listas de pagamentos, gravuras e desenhos para estudar as suas formas e funções, bem como os seus ourives e mercadores<sup>25</sup>.

---

<sup>15</sup> Nuno Vassallo e Silva, *Ourivesaria Portuguesa de Aparato, Séculos XV e XVI* (Lisboa: Scribe, 2012).

<sup>16</sup> Ana Cristina Sousa, "A "obra romana" na ourivesaria portuguesa do século XVI. O Inventário da Prata do Convento de Palmela de 1555", *População e Sociedade*, vol. 19 (2011): 10-26. <https://www.cepese.pt/portal/pt/populacao-e-sociedade/edicoes/revista-populacao-e-sociedade-no-19/a-201cobra-romana201d-na-ourivesaria-portuguesa-do-seculo-xvi-o-inventario-da-prata-do-convento-de-palmela-de-1555>

<sup>17</sup> Hugo Miguel Crespo, *À Mesa do Príncipe. Jantar e Cear na Corte de Lisboa (1500-1700). At the Prince's Table. Dining at the Lisbon Court (1500-1700)* (Lisboa: AR-PAB, 2018).

<sup>18</sup> Carla Alferes Pinto, *A Infanta Dona Maria de Portugal (1521-1577), o mecenato de uma princesa renascentista* (Lisboa: Fundação Oriente, 1998).

<sup>19</sup> Maria do Carmo Rebello de Andrade, "Iconografia Narrativa na Ourivesaria Manuelina: as Salvas Historiadas." (Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1997). <https://run.unl.pt/handle/10362/60500>

<sup>20</sup> María José Redondo Cantera, "Arte y Suntuosidade en torno a la Emperatriz Isabel de Portugal", *Ars & Renovatio*, n.º 1 (2013): 109-147.

<sup>21</sup> Letizia Arbeteta Mira, "Plata al servicio real: la mesa de Felipe II", in *Estudios de platería: San Eloy 2004*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2004).

<sup>22</sup> Natalia Horcajo Palomero, "Reinas y joyas en la Europa del siglo XVI", in *Estudios de platería: San Eloy 2010*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2010).

<sup>23</sup> Noelia García Pérez, "Mencía de Mendoza y el patronazgo artístico en el arte de la platería (1508 – 1554)", in *Estudios de platería: San Eloy 2002*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2002).

<sup>24</sup> Almudena Pérez de Tudela e Annemarie Jordan Gschwend, "Exotica Habsburgica. La Casa de Austria y las colecciones exóticas en el Renacimiento temprano", in *Oriente en Palacio. Tesoros Asiáticos en las Colecciones Reales españolas*, ed. Marina Alfonso Mola e Carlos Martínez Shaw (Madrid: Patrimonio Nacional, 2003), 26-43.

<sup>25</sup> Timothy Schroder, *'A marvel to behold': gold and silver at the court of Henry VIII* (Woodbridge: Boydell Press, 2020).

Os temas da ourivesaria e joalheria em Portugal, na Época Moderna, foram abordados por: Ana Cristina Sousa estudou objetos litúrgicos e civis e a sua iconografia<sup>26</sup>; Crespo explorou as questões da arte oriental, do mercado e produção da Lisboa renascentista<sup>27</sup>; Vassallo e Silva investigou a ourivesaria entre Portugal e a Índia, nos contextos religioso e civil<sup>28</sup>; Leonor d'Orey analisou ourivesaria e prataria associada a várias coleções como a do Museu Nacional de Arte Antiga<sup>29</sup>; Luísa Penalva também estudou vários aspetos das coleções do Museu Nacional de Arte Antiga<sup>30</sup>; André Afonso estuda a ourivesaria portuguesa das Idades Média e Moderna, bem como a galvanoplastia<sup>31</sup>; Vasconcelos e Sousa dedicou-se sobretudo à joalheria e ourivesaria<sup>32</sup>; Carmo de Andrade debruçou-se sobre a iconografia na ourivesaria manuelina<sup>33</sup>; Leonor Vale estudou a ourivesaria barroca italiana em Portugal<sup>34</sup>; Nuno Cruz Grancho desenvolveu estudos sobre prataria na época moderna e investigou no seu

---

<sup>26</sup> Ana Cristina Sousa, "Tytolo da prata (...), do arame, estanho e ferro (...), latam cobre e cousas meudas... Objectos litúrgicos em Portugal (1478-1571)" (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010).

<sup>27</sup> Hugo Miguel Crespo, *Comprar o Mundo. Consumo e Comércio na Lisboa do Renascimento. Shopping for Global Goods. Consumption and Trade in Renaissance Lisbon* (Lisboa: AR-PAB, 2020).

<sup>28</sup> Nuno Vassallo e Silva, "'E muy rica prata fina, de bestiães bem lavrados": a ourivesaria entre Portugal e a Índia, do século XVI ao século XVIII" (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005).

<sup>29</sup> Simonetta Luz Afonso, Ana de Castro Henriques, e Leonor d'Orey, *Inventário do Museu de Arte Antiga – Coleção de Ourivesaria*, vol. I, Do Românico ao Manuelino (Lisboa: Instituto Português de Museus/MNAA, 1995).

<sup>30</sup> Leonor d'Orey e Luísa Penalva, *A Custódia de Belém: 500 anos* (Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 2010).

<sup>31</sup> André das Neves Afonso, "O Porta-paz do Espinheiro e o lavor mais perfeito", *Brotéria* 190, n.º 5-6 (Maio-Junho 2020): 599-602.

André das Neves Afonso, *Tão uteis como os originaes: a coleção de galvanoplastias do MNAA* (S.l.: MNAA - Museu Nacional de Arte Antiga, 2021).

<sup>32</sup> Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, *Arte e devoção: a ourivesaria nas coleções da Santa Casa da Misericórdia do Porto* (Porto: Santa Casa da Misericórdia, 2013).

<sup>33</sup> Maria do Carmo Rebello de Andrade, "Iconografia Narrativa na Ourivesaria Manuelina: as Salvas Historiadas" (Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1997). <https://run.unl.pt/handle/10362/60500>

<sup>34</sup> Teresa Leonor M. Vale, "O desenho de obras de ourivesaria no âmbito das encomendas portuguesas em Roma na primeira metade de Setecentos", in *Dibujo y Ornamento. Trazas y dibujos de Artes Decorativas entre Portugal, Espanã, Italia, Malta y Grecia. Estudios en honor de Fuensanta García de La Torre*, ed. Sabrina de Cavi (Córdoba-Roma: Diputación de Córdoba-De Luca Editori d'Arte, 2015), 343-351.

Doutoramento a ourivesaria religiosa espanhola em Portugal no período de 1580 a 1640<sup>35</sup>; Jordan-Gschwend especializou-se no exótico e nas cortes de Habsburgo<sup>36</sup>.

Os temas da ourivesaria e joalheria tem sido alvo de publicações portuguesas que compilam artigos de autores diferenciados como as Atas do Colóquio Português de Ourivesaria. Estas temáticas também são abordadas em revistas e obras especializadas portuguesas como a *Revista de Artes Decorativas* e *Matrizes da investigação em Artes Decorativas* ambas editadas pela Universidade Católica Portuguesa, com a direção de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa.

O estudo da prataria litúrgica e civil e joalheria na Península Ibérica tem sido bastante desenvolvido associando-se à publicação *Estudios de Platería* da Universidade de Múrcia coordenada por Rivas Carmona e García Zapata, com estudos de vários autores de referência como Pérez Sánchez, Cruz Valdovinos, Sanz Serrano, Albaladejo Martínez, Nieva Soto, Ruiz Calvente, Alonso Benito. A coleção *Universo Barroco Iberoamericano* com vários volumes dedicados a diferentes temáticas e geografias da Península Ibérica e América Latina publicou recentemente a obra *Las artes suntuarias al servicio del culto divino (XVI-XVIII)*<sup>37</sup>, o que demonstra a atualidade do tema das artes sumptuárias na época moderna.

---

<sup>35</sup> Nuno Cruz Grancho, "Ourivesaria religiosa espanhola em Portugal (1580-1640)" (Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2022). <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/56032>

<sup>36</sup> Almudena Pérez de Tudela e Annemarie Jordan Gschwend, "Exotica Habsburgica. La Casa de Austria y las colecciones exóticas en el Renacimiento temprano", in *Oriente en Palacio. Tesoros Asiáticos en las Colecciones Reales españolas*, ed. Marina Alfonso Mola e Carlos Martínez Shaw (Madrid: Patrimonio Nacional, 2003), 26-43.

<sup>37</sup> Laura Illescas, Antonio Joaquín Santos, Jesús Rivas Carmona, María Concetta Di Natale, e Sergio Intorre, *Las Artes Suntuarias Al Servicio Del Culto Divino (XVI-XVIII)*, ed. Fernando Quiles García, vol. 32, *Universo Barroco Iberoamericano* (Sevilha, Roma: Enredars Publicaciones y Roma Tre-Press/ Università degli studi Roma Tre, 2024).

No estudo da ourivesaria europeia destacam-se autores como: Skogh<sup>38</sup>, Frackowska<sup>39</sup>, Distefano<sup>40</sup>, Di Natale<sup>41</sup>, Liscia Bemporad<sup>42</sup>, Bimbenet-Privat<sup>43</sup>, Tixier<sup>44</sup>.

Este projeto baseia-se na ideia de Schmitt de que a história também se escreve a partir dos objetos e das imagens neles representadas. Dekoninck, Heering e Lefftz defendem a transversalidade e universalidade do ornamento nas artes, nas suas fontes, tratamento das formas e matérias<sup>45</sup>. A iconografia tem vindo a ser desenvolvida por autores como Duchet-Suchaux, Baschet, Bonne, Weigert, Grabar, Kessler, e Boto Varela. O estudo da iconografia em objetos sumptuários foi realizado por: Ana

---

<sup>38</sup> Lisa Skogh e Nationalmuseum, *Europeiskt silver 1500-1850 = European silver 1500-1850*, Nationalmuseums katalog över konsthantverk och design 2 (Estocolmo: Nationalmuseum, 2009).

<sup>39</sup> Anna Frackowska, *Gdańsk silver tankards of the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries: typology, styles, iconography* (Varsóvia: Wyd. Zamku Królewskiego w Warszawie, 2013).

<sup>40</sup> Giampaolo Distefano, "Or, argent, émail et ivoire. Déclinaisons de l'ornement précieux à Paris dans la première moitié du XIV<sup>e</sup> siècle", in *L'ornement précieux. Les fonctions de l'ornement précieux dans les cours européennes à la fin du Moyen Âge et à la Renaissance*, ed. G. Glorieux, M.-L. Cassius-Duranton, e F. Solinas (Roma: De Luca, 2023), 54-69.

<sup>41</sup> Maria Concetta Di Natale, *Gioielli di Sicilia* (Palermo: Flaccovio Editore, 2000).

<sup>42</sup> Dora Liscia Bemporad, *Argenti Fiorentini dal XV al XIX secolo, tipologia e marchi* (Florença: Studio per Edizione Scelte, 1992).

<sup>43</sup> Michèle Bimbenet-Privat, Florian Doux, e Catherine Gougeon, *Orfèverie de la Renaissance et des Temps Modernes XVI<sup>e</sup>, XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles. La collection du Musée du Louvre*, 3 vols. (Plérin: Éditions Faton, 2022).

<sup>44</sup> Frédéric Tixier, *La Monstrance eucharistique. Genèse, typologie et fonctions d'un objet d'orfèverie (XIII<sup>e</sup>-XVI<sup>e</sup> siècle)*, ed. Jean-Yves Andrieux e Guillaume Glorieux (s.l.: Presses Universitaires de Rennes, 2014).

<sup>45</sup> Ralph Dekoninck, Caroline Heering, e Michel Lefftz, *Questions d'ornements XV<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles* (Turnhout: Brepols Publishers, 2013).

Cristina Sousa<sup>46</sup>, Carmo de Andrade<sup>47</sup>, Pérez Varela<sup>48</sup>, Santos Márquez<sup>49</sup>, Heredia Moreno<sup>50</sup>, López Plasencia<sup>51</sup>, Miguéliz Valcarlos<sup>52</sup>, Bertos Herrera<sup>53</sup>, Justin Kroesen<sup>54</sup>. No entanto, verifica-se que os objetos sumptuários em Portugal carecem de um

---

<sup>46</sup> Ana Cristina Sousa, "A presença dos metais nos altares dos séculos XV e XVI: uma leitura a partir da iconografia da "Missa de São Gregório".", in *El tesoro del lugar florido. Estudios sobre la plata iberoamericana. Siglos XVI-XIX*, ed. Juan Haroldo Rodas Estrada, Nuria Salazar Simarro, e Jesús Paniagua Pérez (León: Instituto Nacional de Antropología e Historia, Universidad de León, Ediciones El Forastero, 2017), 109-135.

Ana Cristina Sousa, "La iconografía del hombre salvaje en la platería de los siglos XV y XVI", in *El jardín de las Hespérides: estudios sobre la plata en Iberoamérica. Siglos XVI al XIX*, ed. Nuria Salazar Simarro et al. (Espanha: Universidad de León, Instituto de Humanismo y Tradición Clásica, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2020), 399-420.

<sup>47</sup> Maria do Carmo Rebello de Andrade, "Ourivesaria manuelina, identificação de algumas fontes iconográficas", *Artes & Leilões*, nº 33 (1995): 29-66

Maria do Carmo Rebello de Andrade, "Iconografia Narrativa na Ourivesaria Manuelina: as Salvas Historiadas" (Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1997). <https://run.unl.pt/handle/10362/60500>

Maria do Carmo Rebello de Andrade, "A ourivesaria de aparato e as artes da imprensa ao tempo do rei D. Manuel I. Uma abordagem", in *I Colóquio Português de Ourivesaria. Actas*, ed. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Porto: Ed. Fundação Eng. António de Almeida, 1999), 107-119.

Maria do Carmo Rebello de Andrade, "A circulação da gravura em Portugal: reflexos na ourivesaria dos séculos XV e XVI", in *Actas do 3.º Colóquio de Artes Decorativas - Iconografia e Fontes de Inspiração. Imagens e Memória da Gravura Europeia* (Lisboa: ESAD / FRESS, 2012), 205-215.

<sup>48</sup> Ana Pérez Varela, "La iconografía eucarística del pelícano: ejemplos en plata", in *Estudios de Platería, San Eloy 2015*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, 2015), 421-438.

Ana Pérez Varela, "Diez copias decimonónicas de una salva portuguesa del siglo XVI en Austria, España y Portugal: en torno a su procedencia y autoría", *Liño: Revista anual de historia del arte* 26 (2020): 43-54. <https://doi.org/10.17811/LI.26.2020.43-54>

<sup>49</sup> Antonio Joaquín Santos Márquez, "Un ejemplo de platero sevillano del Renacimiento: Alonso de Guadalupe (1549 – 1573)", in *Estudios de platería: San Eloy 2006*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2006), 659-676.

<sup>50</sup> Carmen Heredia Moreno, "De arte y de devociones eucarísticas: las custodias portátiles", in *Estudios de Platería, San Eloy 2002*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, 2002), 163-181.

Carmen Heredia Moreno, "Otro Horóscopo de Cristo en la platería complutense del siglo XVI", *Laboratorio de Arte*, 29 (2017): 117-192.

<sup>51</sup> José Cesáreo López Plasencia, "Un ejemplar inédito de la Descripción de la traça y ornato de la custodia de plata de la Sancta Iglesia de Sevilla, del "escultor de oro y plata" Juan de Arfe y Villafañe, en la Universidad de La Laguna", in *Estudios de Platería. San Eloy 2008*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, 2008), 315-337.

estudo iconográfico aprofundado, o que justifica uma nova abordagem de análise comparativa com outras artes do período, de forma a colmatar o conhecimento dessas obras de importância significativa.

As investigações dos objetos sumptuários em Portugal apresentam diferentes perspectivas, mas não uma síntese, havendo a necessidade de uma análise holística dessa produção. O nosso estudo compreende uma perspectiva inovadora que sintetiza a análise da imagem, materialidade e funções das peças nos seus contextos, constituindo uma abordagem holística, que irá contribuir para a compreensão de como o século XVI encarava os objetos sumptuários.

## Fontes e Metodologia

No primeiro ano do 3º ciclo de estudos, em setembro de 2023 foi continuada a recolha de bibliografia, a pesquisa de fontes documentais e iconográficas e a identificação de objetos sumptuários de origem portuguesa. Dos objetos selecionados, 34 estão classificados como tesouros nacionais, o que demonstra a sua raridade e importância patrimonial enquanto testemunhos do valor cultural que as artes do ouro e da prata conheceram no Portugal do século XVI. Tendo como exemplo as publicações de historiadores como Ana Cristina Sousa<sup>55</sup>, García Pérez<sup>56</sup> e Horcajo Palomero<sup>57</sup> pretende-se estudar as formas, técnicas, materiais e funções das peças nos seus contextos, tendo em conta a iconografia contemporânea nomeadamente pintura,

---

<sup>52</sup> Ignacio Miguéliz Valcarlos, "Iconografía mariana en la platería guipuzcoana", in *Estudios de Platería. San Eloy 2012*, ed. Jesús Rivas Carmona, (Murcia: Universidad de Murcia, 2012), 349-368.

<sup>53</sup> María del Pilar Bertos Herrera, "Imágenes y símbolos en las artes suntuarias", in *Granada tolle, lege = "Granada toma y lee"*, ed. Francisco Javier Martínez Medina (Granada: Agustinos Recoletos, 2009), 281-302.

<sup>54</sup> Justin Kroesen, "Retablos medievales de plata", in *Estudios de platería. San Eloy 2004*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, 2004), 243-261.

Justin Kroesen, "La platería en el culto calvinista", in *Estudios de platería. San Eloy 2005*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones., 2005), 235-248.

<sup>55</sup> Ana Cristina Sousa, "La iconografía del hombre salvaje en la platería de los siglos XV y XVI", in *El jardín de las Hespérides: estudios sobre la plata en Iberoamérica. Siglos XVI al XIX*, ed. Nuria Salazar Simarro et al. (Espanha: Universidad de León, Instituto de Humanismo y Tradición Clásica, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2020), 399-420.

<sup>56</sup> Noelia García Pérez, "El consumo suntuario en el Renacimiento: Usos y funciones de las piezas de plata y oro", in *Estudios de platería: San Eloy 2006*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2006), 247-255.

<sup>57</sup> Natalia Horcajo Palomero, "Reinas y joyas en la Europa del siglo XVI", in *Estudios de platería: San Eloy 2010*, ed. Jesús Rivas Carmona (Murcia: Universidad de Murcia, 2010), 319-339.

desenhos e gravuras. De forma a realizar uma análise comparativa das descrições e peças que se conservam em variadas coleções, pesquisamos objetos e iconografias em museus portugueses e internacionais e em obras de referência como o *The Illustrated Bartsch*. Também estamos a visitar museus e tesouros de igrejas para recolher meios audiovisuais (fotografias, etc.) e fichas de inventário das peças em estudo.

No período de junho a agosto de 2024, foram realizadas as fichas de inventário acerca dos objetos sumptuários (objetos de mesa/aparador, alfaia litúrgica, joias, objetos exóticos) de origem portuguesa musealizados e *in loco*. A metodologia de criação da ficha de inventário foi baseada nas normas de inventário da ourivesaria do antigo Instituto dos Museus e da Conservação<sup>58</sup>, de forma a facilitar a sua posterior disponibilização aos museus portugueses. As peças foram distribuídas tendo em conta a sua variedade tipológica e os seus contextos de usos. Em cada uma das fichas de inventário foi enquadrada a história dos objetos na coleção e sistematizada a informação das suas diferentes formas, técnicas e materiais, descrevendo-as e relacionando-as com representações em iconografia contemporânea e peças forâneas de coleções internacionais (ex: *British Museum*, *Museo degli Argenti*, *Museo del Prado*, *THE MET*, *V&A*). Também verificamos as relações de proximidade de obras de diferentes tipologias realizadas em diferentes técnicas, como por exemplo a cerâmica, o vidro, as tapeçarias, os têxteis e a madeira, de forma a analisar transversalmente o ornamento nas Artes Decorativas. Estas fichas ajudam a criar a base de conhecimento para a realização da análise profunda das imagens, significados simbólicos, materiais, técnicas e relação com as funções e usos no quotidiano. Permitem também realizar uma análise comparativa com as obras descritas nas fontes, bem como criar uma visão holística e inovadora, que sintetiza o modo como o próprio tempo compreendia os objetos em estudo.

De setembro de 2024 a junho de 2025, realizámos a análise e organização de dados bibliográficos e documentais. A investigação baseia-se também na interpretação de descrições em documentação manuscrita e publicada: inventários como o Guarda-

---

<sup>58</sup> Fernanda Alves, Pedro Miguel Ferrão, Rui Galopim de Carvalho, e Teresa Maranhas, *Normas de Inventário – Ourivesaria* (s.l.: Instituto dos Museus e da Conservação, 2011). <http://www.ibernuseos.org/pt/recursos/documentos/normas-de-inventario-ourivesaria/>

Roupa de D. Manuel<sup>59</sup>, o dote de D. Beatriz<sup>60</sup>, o de D. João III<sup>61</sup>, os de D. Catarina de Áustria<sup>62</sup>, o de D. Teodósio I<sup>63</sup>, e outros; inventários internacionais como o de Carlos V e da família imperial<sup>64</sup>, o de Filipe II de Espanha<sup>65</sup>, o de D. Joana de Áustria<sup>66</sup>, o de Henrique VIII<sup>67</sup>, e o de Elisabete I<sup>68</sup>, bem como outros; inventários de tesouros de

---

<sup>59</sup> Anselmo Braamcamp Freire, "Inventario da Guarda-Roupa de D. Manuel", *Archivo Historico Portuguez* II (1904): 381–417.

<sup>60</sup> "Dote de Duquesa Infante D. Brites", in *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa: Tiradas dos Instrumentos dos Archivos da Torre do Tombo, da Serenissima Casa de Bragança, de diversas Cathedraes, Mosteiros, e outros particulares deste Reyno*, ed. António Caetano de Sousa (Lisboa: Regia Officina Sylviana da Academia Real, 1742), 445-490.

<sup>61</sup> Anselmo Braamcamp Freire, "Inventário da casa de D. João III em 1534", *Archivo Historico Portuguez* VIII (1904): 381–417.

<sup>62</sup> Raúl Lino, Luís Silveira, e Emília Félix, *Documentos para a história da arte em Portugal: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Jóias e outros bens da Rainha D. Catarina.*, vol. 8 (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969); Annemarie Jordan Gschwend e Juan Luís González García, "Catalina de Austria. Inventario de vestidos, joyas, tapices y otros objetos, 1524", in *Los inventarios de Carlos V y la Familia Imperial*, ed. Fernando Checa Cremades (Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, 2010), 3045-3056; Annemarie Jordan Gschwend e Francisco de Paula Cañas Gálvez, "Catalina de Austria. Inventario de joyas, plata y otros objetos, 1525", in *Los inventarios de Carlos V y la Familia Imperial*, ed. Fernando Checa Cremades (Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, 2010), 3057-3070; Francisco de Paula Cañas Gálvez e Annemarie Jordan Gschwend, "Catalina de Austria. Inventario de joyas, plata y otros objetos, 1525", in *Los inventarios de Carlos V y la Familia Imperial*, ed. Fernando Checa Cremades (Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, 2010), 3071-3084; Annemarie Jordan Gschwend e Francisco de Paula Cañas Gálvez, "Catalina de Austria. Inventario de joyas, 1527", in *Los inventarios de Carlos V y la Familia Imperial*, ed. Fernando Checa Cremades (Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, 2010), 3085-3089; Annemarie Jordan Gschwend e Juan Luis González García, "Catalina de Austria. Inventario de joyas y guardarropa, 1528", in *Los inventarios de Carlos V y la Familia Imperial*, ed. Fernando Checa Cremades (Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, 2010), 3091-3166.

<sup>63</sup> Jessica Hallett e Nuno Senos, *De Todas as Partes do Mundo. O património do 5º duque de Bragança, D. Teodósio I*, vol. II (Lisboa: Tinta-da-China, 2018).

<sup>64</sup> Fernando Checa Cremades, *Los inventarios de Carlos V y la Familia Imperial*, 3 vols. (Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, 2010).

<sup>65</sup> Fernando Checa Cremades, *Inventarios de Felipe II: inventario post mortem, almoneda y libro de remates, inventario de tapices* (Madrid: Fernando Villaverde Ediciones, 2018).

<sup>66</sup> Almudena Pérez de Tudela, *Los inventarios de Doña Juana de Austria, princesa de Portugal (1535-1573)* (Jaén: UJA Editorial, 2017).

<sup>67</sup> David Starkey, Alasdair Hawkyard, e Philip Ward, *The inventory of King Henry VIII: Society of Antiquaries MS 129 and British Library MS Harley 1419: the transcript* (Londres: Harvey Miller for the Society of Antiquaries of London, 1998).

<sup>68</sup> Arthur Collins, *Jewels and plate of queen Elizabeth I: the inventory of 1574* (Londres: Trustees of the British Museum, 1955).

igrejas como da Colegiada de Guimarães<sup>69</sup>, da Sé do Porto<sup>70</sup>, de diversas igrejas<sup>71</sup>, etc.; visitasões paroquiais como as da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio<sup>72</sup>, da Aldeia Galega do Ribatejo<sup>73</sup>, da Arquidiocese de Braga<sup>74</sup>, entre muitas outras; testamentos como o de D. Manuel<sup>75</sup> e o de D. Sebastião<sup>76</sup>, entre outros. A análise das fontes baseia-se em tabelas, nas quais são registadas as: tipologias; descrições; materiais e pesos; origens; correspondências em peças e iconografia contemporâneas; ligações a objetos de diferentes tipologias e materiais. Para compreender os termos presentes nos documentos recorreremos a dicionários como o de Bluteau<sup>77</sup>, o de

---

<sup>69</sup> Eduardo de Almeida, "Os Cónegos Da Oliveira" *Revista de Guimarães* (1926–1929): XXXVI, n.º 1, 27–45; 164–173. Vol. XXXVIII, n.º 1–2, 64–80. Vol. XXXVII, n.º 3, 142–155. Vol. XXXVII, n.º 4, 287–297. Vol. XXXVIII, n.º 3–4, 234–240. Vol. XXXIX, n.º 3–4, 200–221.

<sup>70</sup> Maria Teresa Pinto Machado, "Inventairo do Ouro, Prata, Ornamentos, Tapeçaria e de todas as mais cousas que ao presente foraom achadas nesta see do Porto conforme ao inventario que dantes fez o senhor bispo Aires da Sylva e cousas que de novo acresçeram." *Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, II Série – 2, 1984.

<sup>71</sup> Pedro Pinto, "Inventário quinhentista das igrejas de Santa Maria do Olival, São João da Praça, Santa Maria do Castelo, Santa Iria, Santa Maria de Pias, e da Ermida de Santa Maria do Monte", *Revista de Artes Decorativas*, n.º 4 (2010): 237-245.

<sup>72</sup> Hugo Cavaco, "Visitações" *da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio. (Subsídios para o estudo da História da Arte no Algarve)* (Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 1987).

<sup>73</sup> Mário Balseiro Dias, *Visitações e Provimientos da Ordem de San'Iago em Aldeia Galega do Ribatejo (1486-1537)*, vol. I (Montijo: ed. do autor, 2005).

Mário Balseiro Dias, *Visitações e Provimientos da Ordem de San'Iago em Aldeia Galega do Ribatejo (1553-1571)*, vol. II (Montijo: ed. do autor, 2006).

<sup>74</sup> António Franquelim Sampaio Neiva Soares, "Visitações de D. Fr. Baltasar Limpo na Arquidiocese de Braga", *Theologica*, vol. XIV, 2ª série, (1979): 529-570.

António Franquelim Sampaio Neiva Soares, "Visitações de D. Fr. Baltasar Limpo na Arquidiocese de Braga", *Theologica*, vol. XVI, 2ª série (1981): 447-435.

<sup>75</sup> Belarmina Ribeiro, "Testamento de el-rei D. Manuel", in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. 6, ed. A. da Silva Rego (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967), 111-163.

<sup>76</sup> "Testamento del Rei D. Sebastião", in *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa: Tiradas dos Instrumentos dos Archivos da Torre do tombo, da Serenissima Casa de Bragança, de diversas Cathedraes, Mosteiros, e outros particulares deste Reyno*, vol. 3, ed. António Caetano de Sousa (Lisboa: Regia Officina Sylviana da Academia real, 1744), 198-205.

<sup>77</sup> Rafael Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos... / pelo Padre D. Raphael Bluteau*, 10 vols. (Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712–1728). <https://purl.pt/13969>

Morais Silva<sup>78</sup> e o *Elucidário de Viterbo*<sup>79</sup>. Também será necessário consultar obras sobre os valores monetários, pesos e medidas na Época Moderna, de autores como Mário Barroca<sup>80</sup>. A análise de inventários internacionais pretende comparar a tipologia de fontes, bem como perceber as similaridades e dissemelhanças nas descrições dos objetos, tendo em conta as formas, materiais e imagens na Europa.

Entre julho e agosto de 2025, iremos aprofundar o conhecimento acerca da viagem e transporte de peças de ourivesaria e joias através de diferentes cofres, caixas e baús, bem como estojos próprios. A viagem destes objetos é fundamental para a confluência de culturas e gostos.

De setembro a dezembro de 2025, seguindo a metodologia da *Cripto-História de Arte* de Vítor Serrão<sup>81</sup>, pretende-se analisar desenhos publicados em livros de gravuras e livros de ornamentos<sup>82</sup>, de autores como Dürer, Holbein o Jovem, Jamnitzer, Du Cerceau, De Bry, Giulio Romano, entre outros. Estes permitem compreender o vocabulário das formas e motivos reproduzidos nas peças. Também se pretende aprofundar a importância do desenho, enquanto base de todas as artes na Época Moderna na ótica renascentista.

A análise dos objetos será desenvolvida tendo em conta as formas, técnicas, materiais e simbologias, no período de janeiro a abril de 2026. Assim, de forma a perceber o trabalho do ouro, prata, esmaltes, materiais exóticos e pedras preciosas vai-se

---

<sup>78</sup> António de Moraes Silva, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, 2 vols. (Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789). <https://purl.pt/29264>

<sup>79</sup> Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*, 2 ed., 2 vols. (Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865). <https://purl.pt/13944>

<sup>80</sup> Mário Jorge Barroca, "Medidas-padrão medievais portuguesas", *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – História*, vol. 9 (1992): 53-85. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5701>

<sup>81</sup> Vítor Serrão, *A Cripto-História de Arte. Análise de Obras de arte inexistentes* (Lisboa: Livros Horizonte, 2001).

<sup>82</sup> Elizabeth E. Miller e Victoria & Albert Museum, *16<sup>th</sup> Century Italian Ornament Prints in the V&A Museum* (Universidade de Michigan: Harry N. Abrams, 1999).

Janet S. Byrne, *Renaissance Ornament Prints and Drawings* (Nova Iorque: The MET, 1981).

recorrer a autores atuais como Carvalho<sup>83</sup> e da época como Cellini<sup>84</sup> e Arfe<sup>85</sup>. Recorrer-se-á também aos Regimentos da Prata<sup>86</sup> para demonstrar a organização desta arte no tempo. A valorização dos objetos sumptuários na época estava ligada aos significados atribuídos aos materiais de produção, que muitas vezes provinham de locais longínquos e exóticos. Pelo que, será importante pesquisar livros de gemas como fontes primárias, para compreender as propriedades mágicas e protetoras às quais estavam associadas, nomeadamente os de Conrad Gesner<sup>87</sup> e Camilo Leonardi<sup>88</sup>.

De maio a agosto de 2026, será realizado o estudo iconográfico segundo o método de Bonne<sup>89</sup>, Schmitt<sup>90</sup>, Weigert<sup>91</sup> e Kessler<sup>92</sup> de forma a estudar a imagem, a materialidade e funções em contexto e investigar como os objetos eram entendidos no seu tempo. Para a leitura iconográfica religiosa será consultado Réau<sup>93</sup> e fontes como a

---

<sup>83</sup> Rui Galopim Carvalho, *Pedras preciosas na arte sacra em Portugal* (Lisboa: CTT, 2010).

<sup>84</sup> Benvenuto Cellini e Fernando Checa Cremades, *Tratados de orfebrería, escultura, dibujo y arquitectura*, trad. Juan Calatrava Escobar (Madrid: Akal, 1989).

<sup>85</sup> Juan de Arfe y Villafañe, *De varia commensuracion para la esculptura y arquitectura: por Juan de Arphe y Villafañe, natural de León, escultor de oro, y plata [1585-1587]* (Sevilha: Imprenta de Andrea Pescioni y Juan de Leon, 1587). <https://bibliotecadigital.jcyl.es/i18n/consulta/registro.cmd?id=7913>

<sup>86</sup> Maria João Pereira Coutinho, "Lisboa e as Artes Decorativas: Obras, Artistas, Projetos: Documentos do Arquivo Municipal de Lisboa: Regimentos dos Ourives do Ouro e Lapidários, Ourives da Prata, Guadamecileiros, Oleiros, Tapeceiros, Vestimenteiros", *Cadernos do Arquivo Municipal*, n.º 7 (2017): 309–55. <https://doi.org/10.48751/CAM-2017-7212>

<sup>87</sup> Conrad Gessner, *De omni rerum fossilium genere, gemmis, lapidibus, metallis, et huiusmodi, libri aliquot, plerique nunc primum editi. Excudebat Iacobus Gesnerus* (s.l.: excudebat Iacobus Gesnerus, 1565). [https://books.google.pt/books?id=JP0qBLnRY58C&ie=ISO-8859-1&redir\\_esc=y](https://books.google.pt/books?id=JP0qBLnRY58C&ie=ISO-8859-1&redir_esc=y)

<sup>88</sup> Camillo Leonardi, *Libri tre di M. Lodovico Dolce: ne i quali si tratta delle diuerse sorti delle gemme, che produce la natura, della qualita, grandezza, bellezza, & virtu loro*, trad. Lodovico Dolce (Veneza: Appresso G. Battista, M. Sessa et fratelli, 1565). [https://play.google.com/books/reader?id=l4SAfICsBqkC&pg=GBS.PA1-IA1&hl=pt\\_PT](https://play.google.com/books/reader?id=l4SAfICsBqkC&pg=GBS.PA1-IA1&hl=pt_PT)

<sup>89</sup> Jean-Claude Bonne, "Ornementation et représentation", in *Les images dans l'Occident médiéval*, ed. Jérôme Baschet e Pierre-Olivier Dittmar, L'Atelier du Médiéviste 14 (Turnhout: Brepols Publishers, 2015), 199-212.

<sup>90</sup> Jean-Claude Schmitt, *O corpo das imagens. Ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*, trad. José Rivair Macedo (Bauru/SP: Edusc, 2007).

<sup>91</sup> Laura Weigert, "Performance", *Studies in Iconography* 33, Special Issue, Medieval Art History Today - Critical Terms (2012): 61-72.

<sup>92</sup> Herbert Kessler, "The eloquence of Silver: More on the Allegorization of Matter", in *L'Allégorie dans l'art du Moyen âge: formes et fonctions: héritages, créations, mutations. Actes du colloque du RILMA, Institut Universitaire de France* (Turnhout: Brepols Publishers, 2011), 49-64.

<sup>93</sup> Louis Réau, *Iconografia del Arte Cristiano*, vol. 1, Tomo 1 (Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996).

*Bíblia Sagrada*, os *Evangelhos Apócrifos*<sup>94</sup> e a *Legenda Áurea* de Vorágine<sup>95</sup>. Relativamente à iconografia profana serão consultadas fontes como as *Metamorfoses* de Ovídio<sup>96</sup> e as *Fábulas* de Esopo<sup>97</sup>, bem como dicionários de mitologia clássica<sup>98</sup>. Relativamente aos motivos animais e vegetais recorreremos a documentos como a enciclopédia de Santo Isidoro de Sevilha<sup>99</sup>, bestiários<sup>100</sup>, herbários<sup>101</sup> e a autores como Azambuja<sup>102</sup>. A análise dos motivos ornamentais e arquitetónicos será baseada em tratados e iconografia contemporânea<sup>103</sup>.

No decorrer do projeto, iremos redigir um glossário de nomenclaturas e termos que descrevem formas, técnicas e materiais utilizados nas fontes, de forma a partilhar conhecimento com outras áreas científicas.

Finalmente, iremos escrever e rever a versão final da tese, de setembro de 2026 até setembro de 2027, a data de entrega.

## Estrutura provisória do trabalho final

### Introdução

### Estado da Arte

---

<sup>94</sup> Aurelio de Santos Otero, *Los Evangelios Apocrifos*, 2ª ed., Colección de textos griegos y latinos, versión crítica, estudios introductorios, comentarios e ilustraciones (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1963).

<sup>95</sup> Santiago de la Vorágine, *La leyenda dorada, 1*, trad. Fray José Manuel Macías (Madrid: Alianza Editorial 1996).

Santiago de la Vorágine, *La leyenda dorada, 2*, trad. Fray José Manuel Macías (Madrid: Alianza Editorial 1997).

<sup>96</sup> Ovídio, *Metamorfoses*, trad. Paulo Farmhouse Alberto, 2ª ed. (Lisboa: Livros Cotovia, 2010).

<sup>97</sup> Esopo, *Fabulas de Esopo com applicações moraes a cada fabula*, Nova edição revista e emendada (Paris: Typographia de Pillet Fils Ainé, 1848).

<sup>98</sup> Miguel Angel Elvira Barba, *Arte y Mito. Manual de Iconografía Clásica* (Madrid: Silex, 2008).

<sup>99</sup> José Oroz Reta, Manuel A. Marcos Casquero, e Manel C. Diaz y Diaz, *Etimologías de San Isidoro de Sevilla*, Edição bilingue (Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004).

<sup>100</sup> Aberdeen University Library (A.U.L.), Special Collections, MS 24, Aberdeen Bestiary.

<sup>101</sup> Adam Lonicer, *Naturalis historiae opus novum: in quo tractatur de natura et virbus arborum, fruticum, herbarum, Animantiumque terrestrium, uolatilium & aquatiliium* (Apud Chr. Egenolphum, 1551). <https://books.google.pt/books?id=aKvdPOAACAAJ>

<sup>102</sup> Sónia Talhé Azambuja, *A linguagem simbólica da natureza: a flora e a fauna na pintura seiscentista portuguesa* (Lisboa: Scribe, 2017).

Sónia Talhé Azambuja, *Plantas, Animais e Paisagem. Da Iconografia à Iconologia na Pintura dos Séculos XV e XVI em Portugal* (Lisboa: Scribe, 2021).

<sup>103</sup> Timothy Clifford, *Designs of Desire. Architectural and Ornament Prints and Drawings 1500 – 1800* (Edimburgo: National Galleries of Scotland, 2000).

## **Metodologia**

### **1. A ourivesaria**

1.1. Ourives e a sua importância histórica

1.2. A ourivesaria e o desenho como arte primacial

### **2. Tesouros nacionais da ourivesaria quinhentista**

### **3. Objetos sumptuários**

3.1. Alfaias litúrgicas

3.2. Ourivesaria civil

3.3. Joalheria

3.4. Objetos exóticos

### **4. Restauros, revivalismos e hibridismos**

### **5. Viagem da imagem e transporte dos objetos**

## **Considerações finais**

## **Dados semi-tratados**

A pesquisa bibliográfica e documental foi continuada focando-se nos temas da ourivesaria, joalheria, iconografia, imagem, formas, materialidade, ornamento e exotismo. As fontes para o estudo dos objetos sumptuários consistem em inventários, visitasões e testamentos que descrevem objetos sobreviventes e que se perderam, bem como as suas formas, materiais, técnicas e funções. Para a compreensão dos objetos que sobreviveram, selecionamos tratados de ourivesaria, iconologias, livros de emblemas, herbários, bestiários, lapidários, livros de gemas e dicionários.

Efetuamos a pesquisa e seleção de objetos sumptuários do século XVI em Portugal, bem como a recolha e registo de informação em fichas de inventário. A pesquisa dos objetos foi realizada: em bibliografia especializada; com a consulta de todas as publicações do Inventário Artístico de Portugal da Academia Nacional de Belas

Artes; em catálogos de exposições gerais, de Artes Decorativas e de ourivesaria; em catálogos impressos e *online* de museus portugueses e internacionais; e catálogos gerais *online* de bens culturais portugueses e de diferentes países. Os critérios de seleção dos objetos foram: a sua cronologia, incluindo obras do século XVI e com intervenções desse século; as tipologias em estudo, nomeadamente, peças de mesa/aparador, alfaias litúrgicas, joalheria e objetos exóticos; as matérias das obras, nomeadamente os metais nobres, pedras preciosas e os materiais exóticos comercializados pelos portugueses. Alguns materiais constituem campos de estudo específicos, como o marfim ou a porcelana, por isso, selecionamos peças dessas matérias montadas em metais nobres; a localização dos objetos, selecionando os preservados em museus portugueses, internacionais e *in loco*. Os objetos selecionados são no total 719, dos quais 314 peças estão em coleções de museus portugueses, 171 peças em museus internacionais, 234 peças *in loco*, nomeadamente 217 peças em igrejas portuguesas e 17 peças em igrejas e instituições internacionais. Das peças em museus portugueses, 34 peças são classificadas como Tesouros Nacionais, sendo de diferentes tipologias, como se pode observar em um gráfico (Fig. 1).

As obras selecionadas em museus portugueses, museus internacionais e *in loco* podem ser divididas em ourivesaria sacra, ourivesaria civil, joalheria e objetos exóticos. Nos gráficos apresentados (Fig. 2, 3, 4, 5), podem ser observados os números das diferentes tipologias e materiais exóticos existentes, tendo em conta os objetos selecionados. Estes dados não pretendem ser universais, mas demonstram a valorização das peças. Os gráficos indicam que um maior número de peças e tipologias de ourivesaria sacra sobrevive relativamente à ourivesaria civil, joalheria e objetos exóticos. Os objetos de maior número são os cálices e as custódias pertencentes à ourivesaria sacra e as salvas na ourivesaria civil. Na joalheria, destacam-se os pendentos e anéis e, nos objetos exóticos, as conchas, a madrepérola e a tartaruga são os materiais mais utilizados.

Os objetos serão analisados em conjunto com documentação de forma a compreender o panorama universal da ourivesaria e joalheria em Portugal, no século XVI.

Apesar de, nesta investigação, as peças com maior relevância já terem sido estudadas, será necessário aprofundar o conhecimento acerca da sua imagem, materiais, técnicas, formas e funções.

Desenvolvemos a pesquisa iconográfica, na qual, criamos uma listagem de: fontes imagéticas; as temáticas iconográficas que permitem observar as tipologias de objetos em estudo; livros de desenhos de pratos e joias; artistas ativos e relevantes para o século XVI; artistas que produziam gravura; e artistas ourives e com formação de ourives. Também compilámos iconografias (pinturas, desenhos, gravuras, entre outros meios) do século XVI de peças de ourivesaria e joalheria tendo em conta as tipologias de objetos representados, as suas datações e as relações entre eles. A iconografia recolhida trata-se de cerca de 1700 imagens, que foi organizada através da criação de tabelas no *Excel* divididas pelas diversas tipologias de ourivesaria civil, ourivesaria litúrgica e joalheria.

No decurso do projeto, entramos em contacto com museus e igrejas para visitar os locais e ver, fotografar, medir e recolher fichas de inventário das peças em estudo. Com os meios audiovisuais e informação recolhida preenchemos os diferentes campos das fichas de inventário, que serão desenvolvidas ao longo do projeto.

Realizámos a pesquisa e tratamento de dados documentais e bibliográficos, nomeadamente a análise das fontes através do registo da informação em tabelas. As fontes tratadas foram: inventários reais e da nobreza portuguesa e internacional; inventários de cidadãos portugueses; visitas e inventários de igrejas; bem como testamentos. No decorrer da análise da documentação, escrevemos continuamente um glossário de termos encontrados nas fontes consultadas.

Foi realizada a pesquisa sobre os objetos exóticos e os seus materiais de luxo, como: metais preciosos (ouro, prata), gemas (diamantes, rubis, esmeraldas, safiras, pérolas, corais, âmbar, cristal de rocha) e materiais considerados exóticos pela sua novidade e proveniência (bezoar, conchas, corno de rinoceronte, *coco-de-mer*, coco, madrepérola, tartaruga, ovo de avestruz, marfim, porcelana). A investigação focou-se na materialidade dos estudos de caso e na compreensão das crenças e mitos de

diversas culturas conjugadas pela mobilidade promovida pelas viagens no contexto da expansão marítima. Os materiais exóticos eram montados em metais preciosos como a prata ou prata dourada o que acrescentava valor material e simbólico à peça, que podia ser mantida em coleções reais, eclesiásticas e *Kunstkammers*.

Os objetos sumptuários devem ser estudados tendo em conta a imagem e a iconografia, pelo que com esta investigação esperamos contribuir para o melhor conhecimento destas peças em Portugal e na Europa. As iconografias e os emblemas são um meio privilegiado de compreender a forma como os indivíduos do renascimento percebiam o mundo e a natureza, pois essas obras conscientemente tentavam descrever as plantas, animais e o que estava representado nelas. A forma como as iconografias eram descritas informam-nos do que o espetador da época via nas representações e as palavras utilizadas para as descrever pode indicar o que significavam em termos perceptuais<sup>104</sup>.

As Artes Decorativas são um campo de estudos muito vasto que engloba várias técnicas, materiais e formas em peças de grande importância histórica, cujo estudo necessita de ser aprofundado para o melhor entendimento das peças que sobrevivem musealizadas, *in loco* e em coleções privadas, de modo a compreender o tempo que as produziu, porque foram preservadas e o que significam atualmente. A pesquisa deve-se focar também nas obras que se perderam, para entender melhor as cronologias em estudo e as possíveis razões da sobrevivência de determinadas peças e perda de outras quer por mudanças de gosto, deterioração, seleção, venda ou perda. Similarmemente, devemos ter em conta as diversas intervenções realizadas nas peças sobreviventes, pois essas tornam-se parte da história das peças, tenham sido realizadas ao longo dos séculos ou um restauro recente. Assim, com esta investigação pretendemos contribuir para o incentivo do interesse científico nas áreas das Artes

---

<sup>104</sup> Daniel S. Russel, "Perceiving, seeing and meaning: emblems and some approaches to reading early modern culture", in *Aspects of Renaissance and Baroque Symbol Theory 1500 – 1700*, ed. Peter M. Daly e John Manning (Nova Iorque: AMS Press Inc, 1999), 89.

Decorativas, como a ourivesaria, de forma a colmatar lacunas no conhecimento de artes de grande relevância no panorama nacional e internacional.

No enquadramento do estudo das Artes Decorativas, e particularmente da ourivesaria, pretendemos contribuir para a perceção dessa arte como parte da formação de base dos artistas devido à minúcia e técnica requerida para a sua realização, bem como pela prática do desenho. Vários dos mais proeminentes artistas do renascimento italiano estudaram ourivesaria, uma arte que permitia a aprendizagem do desenho. Nas *Vite* de Vasari, o autor menciona vários artistas que começaram o seu percurso em oficinas de ourives e outros que se destacaram nessa profissão<sup>105</sup>. O desenho era utilizado pelo artesão, pois esse servia como base para os arquitetos e artistas. Este era usado como instrumento de trabalho, forma de representação, repertórios de modelos e desenhos de apresentação ao cliente com diferentes soluções ornamentais ou figurativas<sup>106</sup>. A prática do desenho era indispensável para alcançar a mestria na ourivesaria. Na *Ejecutoria de la Real Audiencia de Sevilla en favor de los vendedores del arte de los plateros* de 1566 afirma-se que os ourives devem entender a geometria para a proporção do que lavram, a perspetiva para o desenho e retrato do que querem criar, bem como a aritmética para numerar e entender os quilates de ouro, prata, pedras preciosas, pérolas e moedas<sup>107</sup>. Alberti no seu *Trattato della pittura* salienta a importância do desenho ao comparar o ouro com a pintura, pois afirma que até o metal mais nobre pode adquirir mais valor através do desenho, incluindo a ourivesaria nas artes que resultam do desenho<sup>108</sup>. Arfe declarava a primazia da

---

<sup>105</sup> Giorgio Vasari, *Vasari's Lives of the Artists. Biographies of the Most Eminent Architects, Painters, and Sculptors of Italy*, ed. Betty Burroughs (Londres: George Allen & Unwin Ltd, 1960).

<sup>106</sup> Sabina de Cavi, *Dibujo y ornamento. Trazas y dibujos de Artes Decorativas entre Portugal, Españã, Italia, Malta y Grecia. Estudios en honor de Fuensanta García de La Torre* (Córdoba, Roma: Diputación Provincial de Córdoba, De Luca, 2015), LIII.

<sup>107</sup> Ignacio José García Zapata, "Los dibujos de platería y su materialización. La definición de una tipología singular", in *Imbricaciones. Paradigmas, modelos y materialidad en las artes de la Europa habsbúrgica*, ed. Matteo Mancini e Álvaro Pascual Chenel (Madrid: Sílex universidad, 2019), 279.

<sup>108</sup> Ignacio José García Zapata, "Los dibujos de platería y su materialización. La definición de una tipología singular", in *Imbricaciones. Paradigmas, modelos y materialidad en las artes de la Europa*

ourivesaria no seu tratado, pois essa arte continha a arquitetura, a escultura e o desenho. Portanto, Arfe inseria-se na discussão acerca da legitimidade liberal da arte do desenho e a estima social dos artífices<sup>109</sup>. Todavia, com o estudo do desenho, pretendemos também contribuir para a percepção da viagem de iconografias e do ornamento através do desenho e da gravura e a sua utilização nas Artes Decorativas, particularmente na ourivesaria. Também procuraremos compreender o estatuto social dos ourives comparando-o com o de outros artistas.

Para Laura Weigert, a experiência atual de visita ao museu pode ser descrita como um ritual, no entanto, antes da emergência destas instituições a arte era experienciada de forma mais regulada e cerimonial, por exemplo, nos contextos devocional, litúrgico e processional ou em contextos palacianos<sup>110</sup>. Segundo a autora, apesar da performatividade fornecer um modelo de como as obras de arte significam, o processo em que o espectador estabelece associações entre as formas numa obra e fora dela, cria significados de modo único no encontro com a obra de arte, que depende das condições de percepção, da experiência do espectador e do tempo histórico que vivemos<sup>111</sup>. Com o nosso projeto, pretendemos fornecer uma perspectiva holística de como os objetos sumptuários podem ser estudados e, conseqüentemente, comunicados ao público através de estudos e exposições que incluam todas as artes sem as seccionar por materiais ou tipos, de forma a providenciar uma compreensão integral do tempo histórico que procuramos expor ao leitor ou visitante, como foi realizado em publicações como na obra *Luxury Arts of the Renaissance* de Marina

---

*habsbúrgica*, ed. Matteo Mancini e Álvaro Pascual Chenel (Madrid: Sílex universidad, 2019), 279, 80.

<sup>109</sup> Ignacio José García Zapata, "Los dibujos de platería y su materialización. La definición de una tipología singular", in *Imbricaciones. Paradigmas, modelos y materialidad en las artes de la Europa habsbúrgica*, ed. Matteo Mancini e Álvaro Pascual Chenel (Madrid: Sílex universidad, 2019), 280.

<sup>110</sup> Laura Weigert, "Performance", *Studies in Iconography* 33, Special Issue, Medieval Art History Today - Critical Terms (2012): 61.

<sup>111</sup> Laura Weigert, "Performance", *Studies in Iconography* 33, Special Issue, Medieval Art History Today - Critical Terms (2012): 69.

Belozerskaya<sup>112</sup>, bem como em exposições patentes em museus de Artes Decorativas como o *Tesoro dei Granduchi*, no *Palazzo Pitti*, em Florença e o *Victoria and Albert Museum*, em Londres. Desta forma, o leitor ou visitante poderia estabelecer ligações entre as diferentes obras de arte de vários materiais e técnicas, compreender as linguagens artísticas manifestadas nos objetos e experienciá-las de uma forma mais aproximada aos contextos de utilização das épocas que os produziram e usaram.

## Anexos



Gráfico que demonstra o número e tipologias de peças classificadas como Tesouros Nacionais da ourivesaria quinhentista em museus portugueses.

<sup>112</sup> Marina Belozerskaya, *Luxury Arts of the Renaissance* (Londres: Thames & Hudson, 2005).

Figura 2 - Ourivesaria sacra

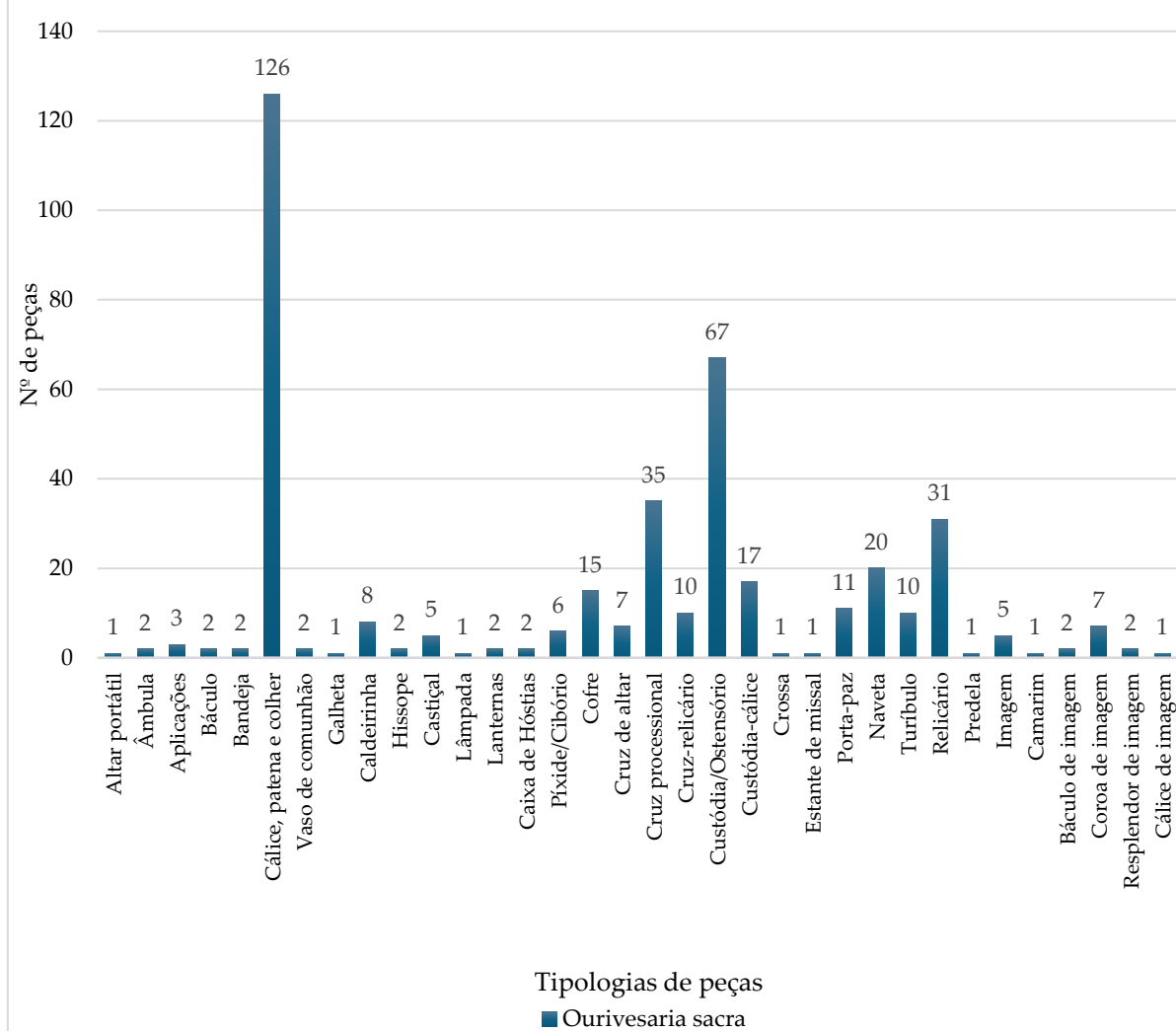
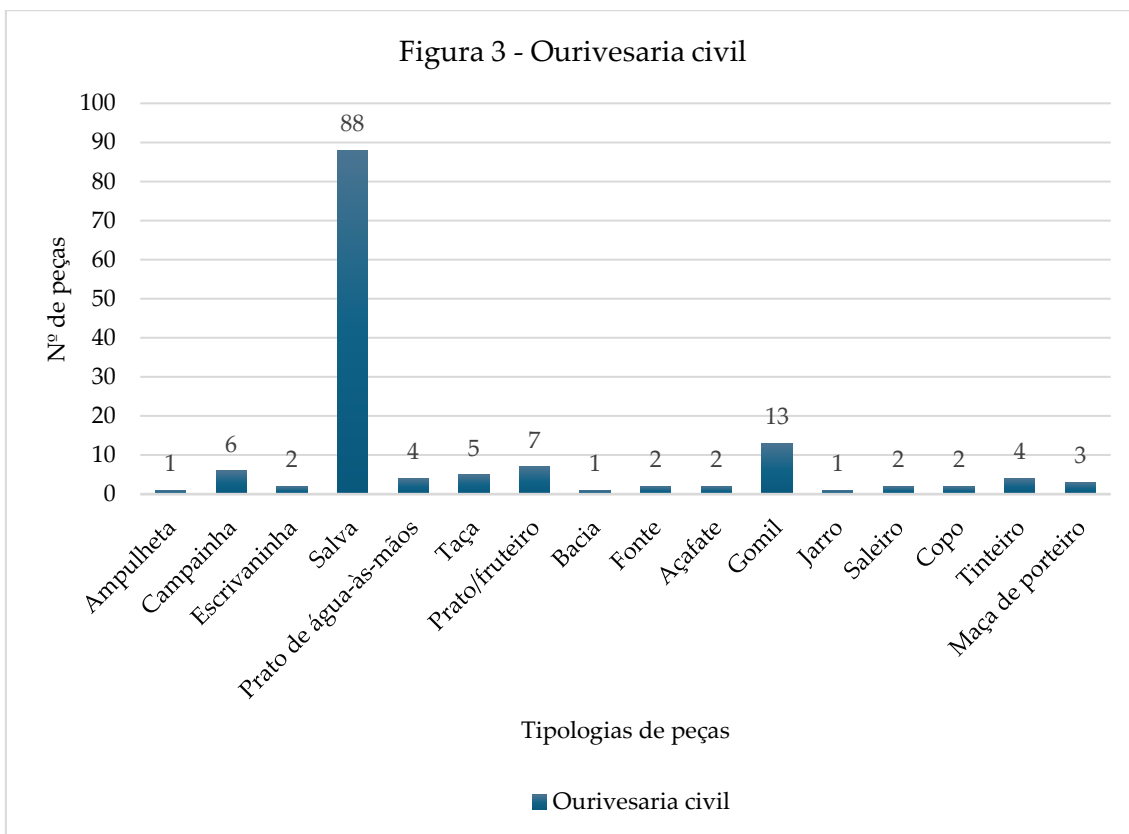
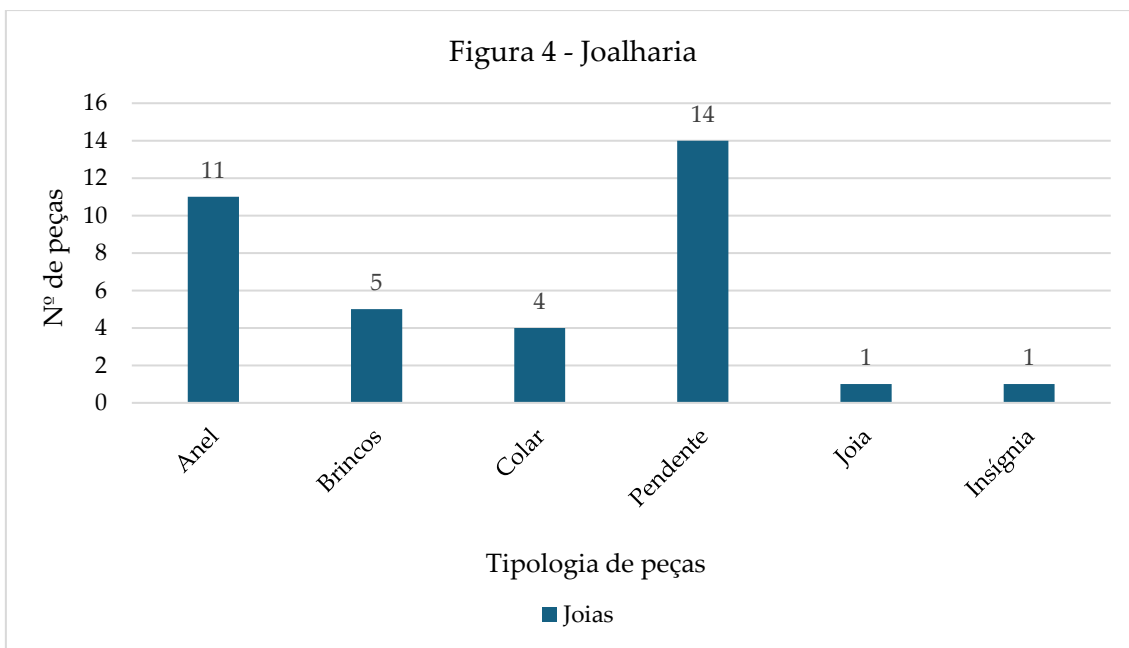


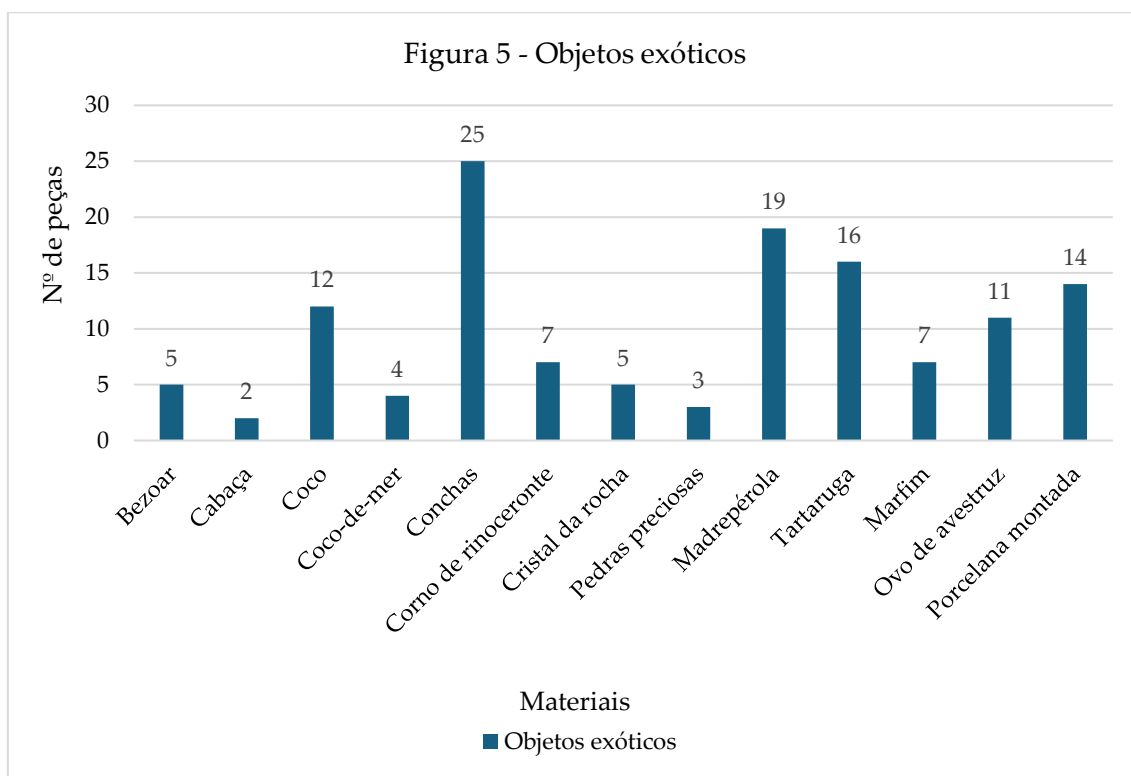
Gráfico que demonstra o número e tipologias de peças de ourivesaria sacra em museus portugueses, museus internacionais e in loco.



*Gráfico que demonstra o número e tipologias de peças de ourivesaria civil em museus portugueses, museus internacionais e in loco*



*Gráfico que demonstra o número e tipologias de peças de joalharia em museus portugueses, museus internacionais e in loco.*



*Gráfico que demonstra o número de objetos exóticos e os seus materiais em museus portugueses, museus internacionais e in loco.*

Este livro foi composto e pelo *Grupo Informal de História Medieval* em caracteres PALATINO LINOTYPE, desenhados por Hermann Zapf e inspirados no trabalho do calígrafo e copista italiano Giambattista Palatino, que trabalhou na Itália do século XVI. Publicou-se durante o mês de Maio de dois mil e vinte e seis.

